

Leonardo Boff

‣ A luta pela superação do patriarcalismo é uma luta pelo resgate de nossa verdadeira humanidade. Mulheres, ainda hoje, mesmo nos países ricos, recebem salário inferior ao dos homens, mesmo fazendo o mesmo trabalho que eles fazem. E elas compõem mais da metade da humanidade

Homens e mulheres: novas relações criativas

A criatividade é a dinâmica do próprio universo. Seu estado natural não é a estabilidade, mas a mutação criativa. Tudo é fruto da criatividade natural ou humana. A Terra é fruto de uma Energia criadora, misteriosa e carregada de propósito que atua já há 13,7 bilhões de anos. Um dia, um peixe primitivo, “decidiu”, num ato criador, deixar a água e explorar a terra firme. Desse ato criativo, vieram os anfíbios, em seguida os répteis, depois os dinossauros, as aves, os mamíferos e por fim os seres humanos, portadores de consciência e de inteligência.

Se não estivéssemos sob a ação desta criatividade, nunca teríamos chegado até aqui. Detenhamo-nos, por um momento, num tipo de criatividade, aquela na relação homem-mulher, ponto central nas discussões atuais na Igreja, que se propôs debater as questões da família e da sexualidade.

Sabemos que há dez mil anos a história foi marcada pelo patriarcado. Este representou uma via-sacra de sofrimento para todas as mulheres. Mas o que foi construído historicamente pode ser também historicamente desconstruído. É o que está ocorrendo. Essa é a esperança subjacente nas lutas das mulheres oprimidas e de seus aliados entre os homens;



esperança de um novo patamar de civilização não mais estigmatizado pela dominação do homem sobre a mulher.

Mais e mais homens e mulheres são definidos não a partir de seu sexo biológico, ou fator cultural, mas a partir do fato de serem pessoas. Entendemos aqui por pessoa todo aquele ou aquela que se sente dono de si e que exercita a liberdade para plasmar sua própria vida. A capacidade de autoprodução em liberdade (autopoiesis) é a suprema dignidade do ser humano que não deve ser negada a ninguém.

Depois do reconhecimento da pessoa como pessoa, decisivos são os valores da cooperação e da democracia, como valores universais que permitem a participação na vida social, da qual as mulheres historicamente foram alijadas. A ausência desses valores ajudou a consolidar a dominação e a subordinação histórica das mulheres. Hoje é pela cooperação de ambos, homens e mulheres, numa ética da solidariedade e do cuidado mútuos, que se construirão relações inclusivas e igualitárias.

A cooperação supõe confiança e respeito mútuo, numa atmosfera onde a coexistência se funda no amor, na proximidade, no diálogo aberto, como tem insistido e mostrado o papa Francisco.

Bem enfatizava o grande biólogo chileno Humberto Maturana: a permanência do patriarcalismo e do machismo representa a tentativa de regressão a um estágio pré-humano, que nos remete ao nível dos chimpanzés, que são societários, mas dominadores.

É por isso que a luta pela superação do patriarcalismo é uma luta pelo resgate de nossa verdadeira humanidade. Mulheres, ainda hoje, mesmo nos países ricos, recebem salário inferior ao dos homens, mesmo fazendo o mesmo trabalho que eles fazem. E elas compõem mais da metade da humanidade.

Antes de ser uma forma de organização do Estado, a democracia é um valor a ser vivido sempre e em todo o lugar onde seres humanos se encontram. Essa democracia não se restringe

aos humanos, mas se abre aos demais seres vivos da comunidade biótica, pois se reconhece neles um valor intrínseco e, por isso, direitos e dignidade. A democracia integral possui, pois, uma característica sócio-cósmica.

A superação da ancestral guerra dos sexos e das políticas opressivas e repressivas contra a mulher se dá na mesma proporção em que se introduz e se pratica a democracia. Foi em nome desta bandeira que a grande escritora e feminista Virginia Woolf (1882-1941) podia proclamar: “Como mulher não tenho pátria, como mulher não quero pátria, como mulher minha pátria é o mundo inteiro”.

A luta contra o patriarcado supõe um reengendramento do homem. Seguramente nessa tarefa ele não conseguiria dar o salto de qualidade sozinho e por si mesmo. Daí ser importante a presença da mulher ao seu lado.

A primeira coisa a se fazer é privilegiar os laços de interação mútua e a cooperação igualitária entre homem e mulher. Aqui se impõe um processo pedagógico, na linha de Paulo Freire: ninguém liberta ninguém, mas juntos, homens e mulheres se libertarão num exercício partilhado de liberdade criadora.

A partir deste novo contexto, devem-se recuperar aqueles valores considerados antigos e próprios da socialização feminina, mas que agora devem ser gritados aos ouvidos dos homens e deve-se procurar vivê-los junto com as mulheres. Trata-se de um ideal humanitário para ambos.